tentável", ou seja, financiado pelos próprios agricultores e pelas indústrias, que pagam impostos para bancar a política.

De acordo com Brasil, Tailândia e Austrália, o açúcar C é vendido no mercado internacional com preço inferior ao seu custo de produção, graças a um sistema de subsídios cruzados das cotas A e B. Além disso, a União Européia compra açúcar bruto a preços subsidiados de antigas colônias da África, Caribe e Pacífico (ACP) e o reexporta como refinado em volumes superiores ao acertado na Rodada Uruguaia do Gatt.

O cenário provável é a União Européia cortar em 50% os preços mínimos da cota A e definir o fim da cota B. As teses defensoras do regime sustentam que o Brasil sempre pode abrir novos mercados, enquanto a África depende economicamente das exportações subvencionadas e não ajudará os pequenos no mundo todo. A reforma não deverá resultar em uma recuperação internacional dos preços da *commodity*. A UE e o Brasil são responsáveis pela depreciação dos preços do açúcar. Os europeus inundam o mercado com o açúcar C, subvencionado. Por outro lado, programas como o Pro-álcool e a desvalorização do real transformaram o Brasil em grande produtor mundial. ■

Política perversa

Com números que servem para conclamar a OMC, na tentativa de amenizar o problema nas negociações, com vistas à liberalização do comércio global, estudo do Institute for Agriculture and Trade Policy, de Minneapolis, EUA, calculou o *dumping* praticado entre 1990 e 2002, em cinco *commodities* agrícolas. As exportações norte-americanas ficaram abaixo do custo de produção em: 43% no trigo; 61% no algodão; 25% na soja; 13% no milho; 35% no arroz.

No açúcar, o Banco Mundial acaba de divulgar trabalho com os resultados previstos anualmente com a abertura de seus mercados. O Brasil teria um ganho de US$2,6 bilhões, e as exportações cresceriam 26%. Como os seus preços internos subiriam em função da menor oferta interna, haveria um custo de US$1 bilhão, e o saldo ficaria em US$1,6 bilhão. Já a economia mundial ganharia US$4,7 bilhões e as cotações cresceriam 40%. Os países desenvolvidos aumentariam as importações em 15 milhões de toneladas e reduziriam a atual ajuda governamental, de US$6,7 bilhões.

Um projeto de sustentabilidade

JOSÉ CARLOS PEDREIRA DE FREITAS

Composto por duas usinas (a Santo Antônio e a São Francisco), o Grupo Balbo gera 31.000 KW de energia e responde pela produção de 3 milhões de toneladas de cana; 180.000 toneladas de açúcar e 146 milhões de litros de álcool. A área de cana-de-açúcar alcança 22.000 hectares próprios e de terceiros. Integram ainda o grupo as empresas Bionergia Cogeradora S.A., responsável pela geração de energia elétrica a partir do bagaço de cana; a Agropecuária Iracema Ltda., proprietária das terras destinadas ao plantio da cana; a Native Produtos Orgânicos, Comércio, Importação e Exportação Ltda., empresa responsável pela comercialização dos produtos orgânicos; e a PHB Industrial S.A., que, em associação com o Grupo Biagi, produz plástico biodegradável a partir do bagaço de cana.

Sempre atento ao equilíbrio ambiental, o grupo implantou em 1981 o controle biológico de pragas, conseguindo reduzir a incidência da broca da cana de 11% para 1,5%. Pouco depois, em 1986, a Usina São Francisco deu início ao Projeto Cana Verde, voltado ao desenvolvimento sustentável da produção de cana, desde o preparo do solo até o processamento industrial da matéria-prima. Em seguida, para recuperar a cobertura florestal, a companhia desenvolveu amplo programa de formação e plantio de mudas de essências nativas, com plantio de mais de 1 milhão de árvores em áreas de preservação e ricas em biodiversidade.

A partir de 1987, teve início a produção industrial e a comercialização do açúcar orgânico, com investimentos da ordem de U$S6 milhões. Hoje, mais de 26 países recebem o produto com a marca Native. A produção orgânica envolve soja, café, suco de laranja e cachaça. Com o apoio de instituições de ensino e de pesquisa, como o Centro Tecnológico da Coopersucar, o grupo empreendeu uma verdadeira revolução nas práticas de manejo de solo, nutrição, controle de pragas e doenças, colheita de cana crua (sem queima) e reciclagem de resíduos industriais.

A companhia conta com o apoio multidisciplinar de especialistas da Embrapa e da Ecoforça - Pesquisa e Desenvolvimento para realizar levantamentos periódicos de campo e monitoramento da fauna e das floras locais, valendo-se de imagens por satélite.

CRÉDITOS AMBIENTAIS - Ainda na área ambiental, o Grupo acaba de desenvolver projeto de MDL (Mecanismo de Desenvolvimento Limpo) relativo aos créditos de carbono obtidos pelas duas unidades de cogeração da empresa Bioenergia. Tudo no âmbito do Protocolo de Kyoto, com o apoio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), visando contribuir para a redução da emissão dos gases de efeito estufa.

No campo da sustentabilidade social, o Grupo iniciou em 1980 a formação de equipes multiprofissionais para analisar e acompanhar as condições de vida e saúde dos funcionários e seus familiares: uma população estimada em 10.000 pessoas, que habita as moradias cedidas pela empresa em vilas residenciais urbanizadas, com serviços de educação, saúde e lazer. A estrutura de saúde conta hoje com dois ambulatórios completos que realizam 50.000 consultas médicas ao ano. O índice de internação de apenas 1,5% das consultas realizadas mostra a eficácia do trabalho.

Com a participação de equipes compostas por representantes da diretoria e dos empregados, eleitos por eles próprios, o Programa de Participação nos Resultados - PPR começou em 1988. O Programa de Qualidade Total veio em 1992 e teve o envolvimento de toda a hierarquia da empresa, da diretoria ao chão de fábrica. Em 1995, montou o planejamento estratégico, com a participação dos empregados na definição da missão e dos valores da organização.

Desde 1997, a empresa possui o certificado de "produtor orgânico", emitido pela Farm Verified Organic, dos Estados Unidos, a Ecocert International, da Europa, e a International Certification Services, do Japão. No Brasil, são certificados pelo IBD (Instituto BioDinâmico), tendo recebido diversos outros prêmios, como o Prêmio Eco da Câmara Americana, Top de Marketing e Eco Design, Abrinq e o Master Cana de Tecnologia, por seus diferentes atributos na área da sustentabilidade.

Com as melhores práticas de sustentabilidade, uma atuação de forma integrada e permanente nos componentes ambiental, social e econômico, o Grupo Balbo constitui um "case" de sucesso e exemplo do enorme potencial de contribuição que a cadeia sucroalcooleira do País pode dar para o desenvolvimento sustentável. ■